

GT20: ANTROPOLOGIA ENGAJADA: relatos de pesquisa sob as perspectivas teórico-metodológicas e éticas

Fernanda Valli Nummer, Maria Cristina C de C França

No Brasil, a Antropologia ainda procura ampliar sua visibilidade através do aumento crescente em enfoques no envolvimento da pesquisa na prática das transformações do mundo social. Esse forte apelo tem sido envolvido em questões teórico metodológicas denominadas de antropologia engajada, antropologia aplicada, antropologia prática, entre outros. Na antropologia americana, que tem orientado essas reflexões, os autores distinguem uma série de formas de envolvimento: partilha e apoio nos cotidianos das interações do trabalho de campo; ensino e educação pública; crítica social; participação e liderança colaborativa durante o trabalho de campo; em ações judiciais como testemunha especializada; e o ativismo que tem como base a ideia de que o antropólogo tem compromissos como cidadão quando confrontado com as violações ou sofrimento de outros (Low; Merry, 2010). Nos casos das pesquisas antropológicas reconhecidamente engajadas, os dilemas da ciência antropológica brasileira, em tempos de decolonialidades, emergem com novas questões em discussão. O GT busca analisar consensos e particularidades que envolvem pesquisas de campo engajadas na antropologia brasileira. A interação entre pesquisador e seus interlocutores na pesquisa etnográfica é, por vezes, muito prolongada e envolve afinidades significativas aos sujeitos do processo, quando e como podemos chamar nossos estudos antropológicos de "engajados" na atualidade?

O corpo da pesquisadora na "pista" e os desafios da antropologia engajada: vivendo experiências com torcedores organizados da Força Jovem do Vasco.

Autoria: Elisa Cardoso

O objetivo deste trabalho é considerar como a presença do meu corpo em campo afeta e produz uma postura social que se reflete em um fazer etnográfico e uma escrita engajada. Abordarei minha experiência corporal enquanto mulher branca, pesquisadora e moradora de favela, acompanhando torcedores organizados de "pista" da Força Jovem do Vasco (FJV) no Estado do Rio de Janeiro que são, em sua maioria, homens negros e/ou favelados. Me refiro há dois anos de vivências com torcedores organizados em territórios de "pista" - categoria analítica que se compreende como deslocamento das torcidas organizadas pelas ruas e contextos urbanos. Essa perspectiva situa o corpo torcedor radicalmente instrumentalizado, pronto para o conflito, às lições de aprendizagem da rua, guerras no interior da própria torcida e com organizadas rivais, além das disposições obrigatórias e vontades que revelam o pertencimento nesses agrupamentos. Em suma, as manifestações e representações na pista fazem das torcidas organizadas modelos de sociabilidades masculinas faveladas. Assim, a "pista" oferece uma análise detalhada da economia das torcidas organizadas como sistema de troca e obrigatoriedade entre o capital corporal e capital moral. Dentro desse quadro de análise meu corpo evidencia marcadores sociais relevantes, possibilitando o engajamento no fazer antropológico a partir de relações de proximidade, confiança e conflito com os torcedores organizados da FJV. Desse modo abordarei os desafios de uma Antropologia engajada que combinada com uma etnografia política implicada, tenta agenciar novas problemáticas e possíveis contribuições para o fenômeno das torcidas organizadas.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

